



“O MUNDO”

Completou dezeseis anos, de existência o nosso presado colega «O Mundo». Fundado pelo vigoroso jornalista que foi França Borges, «O Mundo», criou-se um lugar de destaque entre a imprensa periodica portugueza, sendo sempre o jornal mais querido do povo.

Baluarto inexpugnavel, onde mais e melhor se tem sabido defender os saos principios da Democracia, «O Mundo» nunca se afastou da sua orientação intransigentemente republicana e firmemente patriótica.

Jornal do povo, é e foi sempre, o seu melhor defensor contra a tirania que em Portugal, por vezes, tem erguido a garra adunca do despotismo contra os revoltados perante os excessos do poder.

Foi «O Mundo» o grande educador das massas republicanas do paiz, nos tempos da monarchia, orientando-as, republicando-as, preparando-as, emfim, para a luta que havia de fazer baquear estrondosamente o regime dos latrocinios a que presidiam os Braganças.

Foi «O Mundo» que feriu a nota dos descontentamentos dos governados contra os governantes. Foi «O Mundo» que levantando o pregão da Liberdade, fez nascer nos espiritos a ideia da libertação contra a reacção jesuitica que durante largos anos se alapou entre o trono e o altar, explorando a ingenuidade nacional, e zombando das consciencias.

Foi «O Mundo» que preparou a revolução dos espiritos, como causa necessaria da revolução politica. Foi ali, no «Mundo», onde germinaram as vontades mais fortes, onde, ao fogo intenso da justiça, no cadinho da razão, esbraczeantes de esperança e fé patriótica, se fundiram as almas republicanas numa só alma—a alma popular republicana que veio cá fóra, na madrugada gloriosa de 5 de outubro de 1910, proclamar a redenção da Patria.

Não valeram as perseguições de que foi alvo «O Mundo» por parte da miseravel caterva de bufos assalariados por Hóche ás ordens das camarellhas palacianas que se revezavam no poder. E de tal natureza foram essas perseguições que seria logico supór que lograssem os seus vis intentos de levarem de vencida os animos mais fortes. Mas não! Tal nunca succedeu! Quanto maiores eram as violencias, mais nelas se retemperam os espiritos dos trabalhadores de «O Mundo» para a luta dos grandes ideaes. E' que, dirigindo todas as pugnas, orientando, cimentando, incitando para a batalha, lá estava entre eles o espirito superior, a vontade ferrea, inquebrantavel, de França Borges, o insigne jornalista!

Foi assim que «O Mundo» ponde derruir um trono que tinha seculos e era amparado pela casta da nobreza que o bajulava, pelo clero que o servia a soldo e pela seita das ordens religiosas que a sua sombra exploravam o paiz.

«O Mundo» fez os republicanos e, com eles, fez a Republica. Sem «O Mundo», não teria havido republicanos com espirito combativo, de acção, capazes de sacrificar a vida pelo seu ideal, e consequentemente, não teria havido Republica em Portugal, nestes anos mais proximos.

em comum ou exclusivo proveito, o jesuita associa-se a elas e, servido que seja, ou as absorve ou as repele.

O jesuita vive bem sob qualquer forma de governo, comtanto que o deixem viver. Alheio a politica, toda a especie de instituições lhe convém, uma vez que possa, á sombra d'elas, alongar os seus poderosos tentaculos sorvedores.

Sem familia e sem lei, que importa á seita de Loiola, que vegeta no recondito da sombra, que a familia de uma sociedade inteira, a familia dos outros, viva sob os rigores de uma lei feroz, impiedosa, implacavel?!

Se até isso mesmo convem aos seus desiguais!... Dos sofrimentos alheios colhe o jesuita os seus melhores proveitos, porque nos males da sociedade reside o seu melhor gozo. Enquanto os que vivem á luz do dia se degladiaram na conquista das vaidades, dos prazeres mundanos, jogando a vida por um capricho ou expondo-a para realisação de um ideal, ele, o monstro, num sorriso sarcástico, escancára as fauces na áncia de sorver os despojos dos lutadores. Não luta, impele os outros; não sai da sombra, o seu unico rido, espera serena e pacientemente pelos destroços dos que generosamente lutaram. O jesuita, o velho inimigo do clero secular; ele o escaminho adulador do trono com todos os seus rastejantes lacaioes de sangue azul, acerconse lhes agora, servil e matreiro, com o fim transparente de os aproveitar!...

Eles, os jesuitas, mascarados com a religião do generoso Cristo e com as tradições da gloriosa fidalguia portugueza, fingindo encarnar o antigo regime monarchico, a protegerem instituições republicanas!... Como se eles fossem, ou pudessem vir a ser monarchicos ou republicanos!...

Não, o jesuita não é republicano, como não é, como nunca foi monarchico!

O jesuita é simplesmente o... jesuita.—Quer viver, quer comer, quer continuar a explorar as suas victimas.

A Republica, tal como a sonharam os heroes que a implantaram em 1910, não consente o jesuita em Portugal. A Republica, tal como a instituiram os verdadeiros republicanos, repeliu a seita dos filhos de Inacio de Loiola. Por isso, eles combatem a Republica, a verdadeira Republica, aquela que os expulsou dos seus dominios, que os condenou, que os abominou!

O jesuita odeia a liberdade de consciencia, porque ella é a sua morte, porque ella o extermina, e o jesuita quer viver, quer comer.

Porem, entre a Republica que o jesuita odeia e a republica que elle protege, ergue-se uma barreira que hade impedir os seus maquiavelicos planos de absorção—é «O Mundo», cujo 17.º aniversario aqui registamos hoje. «O Mundo», que combateu pela Liberdade contra o bando da roupa negra e foi o seu melhor vehedor, nos tempos em que esse bando dominava, hade novamente vencerlos agora que a sua força é uma mentira, que o seu poder é uma ficção.

«O Mundo» continua a existir e, com elle, a Liberdade só transitoriamente pode ser um mito. A Liberdade, que é como quem diz—a Republica.

O caso de Arega

Quem com ferros mata com ferros morre—diz o burro de do Graciano no pasquim da Rua da Agua, como se escrevesse no da Rua do Vinho...

Diz isto o Graciano e repete-o muitas vezes, supondo que nos infunde respeito. Ora vai... bater a outra porta; vai á... tal porta a que morreu o cão ao dono. Não temos medo de ameaças e muito menos das tuas, aleijadinho, porque sabemos bem que tens os dentes podres e que ao primeiro piparote, te saltavam todos d'essa cloaca viperina, torpe e imunda!

Não tornes a repetir a frase, porque a conhecemos tão bem ou melhor do que tu e, na hora propria, se transformará em factos!...

Não por ti, mas por quem nos pede, te não temos já arrancado a pele, como mereces. Estás, porem, abusando muito da nossa paciencia e iremos dispor-nos para te acabar com o já destrembelhado canastro!

Não tens vergonha, porque, se a tivesses, não estavas desempenhando o ridiculo papel de carrasco de innocentes, fazendo-os prender e, ainda por cima, vexando-os com infamissimas e falsas asserções nos jornaes de Lisboa.

Bem podias ir comendo o que te atiram para a gamela e não te meteres em cavalarias tão altas, certo como é que te desequilibras e esmurras a fochineira no chão.

Ninguém tem culpa de seres um reles catavento, epilectico, sem a noção do que seja a dignidade e brio politicos. És um judas barato, um fantasma de lata, um charlatão, um arlequim de feira! Mas podias ser isso tudo, sem comprometeres gravemente a tua pessoa que, se não merece respeito, todavia desejaríamos poupar, não por ti, como dito fica, mas por quem no-lo pede.

O papel que tens desempenhado no tal hipotetico complot de Arega, da invenção do negro e dos teus negregados companheiros, é tão baixo, tão odiento, que mereces ser igualado em responsabilidades aos bandidos que conceberam e ordenaram a execução da miseravel farça.

Anda lá, continua a esgrimir na sombra e depois queixa-te. Olha que nós conhecemos bem o que é teu e o que é dos teus compadres!...

go Antonio Vasconcelos Sousa Manso, que ali se encontra detido, mercê do caviloso trama que contra ele moveu o lacraismo local.

Se tivesse sido interrogado na semana passada, como era de esperar, já estaria em liberdade. Mas, pelo motivo exposto, ainda se encontra preso, embora na melhor disposição de espirito que é, afinal, o reflexo da sua innocencia.

D'aqui abraçamos o nosso querido amigo, aguardando que lhe seja feita a justiça que merece, para seu descanço pessoal e de sua illustre familia.

AS BATATAS

Sangrando-se em saude, vem o zarôlho, no ultimo numero do camaleão, informar que não fez sair para fóra do concelho enorme quantidade de batatas da sua colheita.

Sangra-se em saude o zarôlho e fez bem, porque, desse modo, vem confirmar o que por ahi é dito acerca do assunto.

Não, o homensinho não é capaz de fazer tal!...

Isso, sim!...

Vender batatas para fóra da terra, ele, amigo do povo!...

Que grandes marotos que são esses boateiros que por ahi ha, espalhando essas coisas contra tão honesto cavalheiro da industria batateiral!...

Quem é que acredita em tal coisa?...

Não, senhores, nem ele, nem o paisinho são capazes de vender para fóra do concelho o que tanta falta nos está cá fazendo.

Não, ele não vendeu ainda batata alguma da ultima colheita e a prova é que tem ainda toda para vender:—Povo, ide lá comprar lh'as... É mais batatas.

O desmascarado

O desmascarado anda ha quatro semanas a estrebuchar a resposta que hade dar á fulminante sentença que o orgão do partido evolucionista tão nobremente proferiu contra a sua traição!

O desmascarado fez auunciar essa tal resposta para o proximo numero do seu jornaeco. Sabemos que o traidor, como costuma, vem rastejar, mas isso nada importa para o caso de continuar a ser um simples desmascarado, a quem, tarde ou cedo, hão de ser tomadas severas contas da sua repugnante traição.

Tanto faz chorares como barafustares, porque seja qual for a attitude que tomares, não alte

ras o conceito em que estás tido por aqueles a quem tão vilmente atraçoaste!

Vem agora negar que foste um vil traidor, que te não desmascaraste por um misero ósso que não tentaria qualquer sapaiteiro ahi da terra...

Vens agora armar em protector do burgo e circumvisinhanças... Mas o que tens feito de beneficios, enquanto estivestes lá pela regedoria do districto?!

Sim, que beneficio representou para esta região a tua estada lá nessa tal regedoria, a não ser o beneficio que prestaste a esta terra de te teres desmascarado, redimindo assim Figueiró das intrugices politicas com que tens andado a manobrar desde a implantação da Republica?!

Beneficios! Como se algum do teu estôfo fosse dado poder beneficiar uma aldeia, quanto mais uma parte importante de um districto!

Valha-te o diabo a tóla, zarôlho duma figa, que endoideceste com a vaidade da regedoria!...

Sempre julgámos que não fosses tão palerma e que não te deixasses envaidecer por tão pouco!

Quizeste armar em grande senhor, em perseguidor dos teus adversarios e, afinal, só deste corda para te enforcarem!...

Pobre desmascarado, chegarias a inspirar-nos dó, se antes nos não metesses nojo!

Anda, traidor, explica-te se és capaz!...

Noticias do "front,"

Pedem-nos a publicação do seguinte:

Manoel Barata Salgueiro, 1.º cabo do corpo de artilharia p sada e Manoel Antonio, soldado da mesma unidade, expedicionarios em França, cumprimentam suas familias e amigos e comunicam-lhes que estão de perfeita saude, encontrando-se na frente da batalha ha quatro meses combatendo ao lado dos Inglezes.

Esta comunicação traz a data de 1 do corrente.

Satisfeito gostosamente o pedido que nos fizeram, restamos felicitar os dois briosos militares que tão heroicamente estão sacrificando as suas vidas enquanto outros que já os deviam ter ido substituir estão gosando por cá as delicias da vida.

PORTUGUEZES!

Os prisioneiros de guerra

passam privações

Enviai á Junta Patriótica do Norte—Paços do Concelho—Porto—ferros ou roupa, que esta os fará chegar ao seu destino.

Mas... o jesuita não esquece, nem perdoa!

Não tem patria, nem familia, nem lei. Olha apenas aos seus interesses. O orgulho, o amor proprio, a vaidade, tudo quanto represente a forma externa da vida humana, não existe para ele. Ou, se existe, sacrifica-o em troca da sua unica vontade propria—o seu vil interesse material.

Não tem amigos e é inimigo de todas as forças sociaes opostas ou extrinhas á sua. Mas, para que possa aproveitá-las

EM LISBOA

O que por esse paiz se disse dos «actos violentos e arbitrarios» do governo democratico...

O que por esse paiz se escreveu da moralidade d'aquelles que o apoiavam!

Todos os defeitos, tudo quanto aniquila moralmente um homem imprudentemente se lhes attribuia. Era o favoritismo esbanjando os dinheiros do Estado; era a politiquice arrazando as leis; era o despotismo fulminando a liberdade...

Para pôr termo a isto... Que falta de escrupulos e de bom senso!

Foi para pôr termo a «isto» que a tropa de 8 de dezembro assaltou e pilhou os estabelecimentos e destruiu as residencias dos vultos em evidencia no democratismo; foi para pôr termo a «isto» que se flagelaram os jornaes, suspendendo-os, e agora os sujeitando de novo a uma censura vergonhosa; foi para pôr termo a «isto» que se cuidou e está a cuidar de enfraquecer ou por outra desaparecer a nossa representação no «front»; foi para pôr termo a «isto» que se chamaram os monarchicos para «defender» a Republica...

Só para pôr termo a «isto»... Ninguem mais facil, afinal, de desmascarar do que o charlatão. As suas palavras afirmam o que os seus actos desmentem; as suas promessas predizem o que as suas acções destroem. Tal se está a dar agora com o sr. Sidonio Pais, presidente do governo e da Republica por obra e graça da sua audacia. Ele garantiu ao paiz um governo que, integrado na Republica, o guiaria por um caminho sem escolhos; ele prometeu a nação a liberdade de pensamento; ele obrigou-se a defender os humildes, os que mais trabalham. E a tudo faltou e está a faltar.

Pedia, ainda assim ser um despota com intelligencia, disfarçar a sua attitude, justificá-la com habilidade. Mas não.

Tem a franqueza estúpida dos que nada «veem»... Amezendo-se com os monarchicos, como se os monarchicos não fossem aqueles mesmos homens que roubaram as riquezas publicas, assoalharam a Patria, desmoralisaram o povo.

Associou-se com os realistas, como se os realistas não fossem os peores inimigos deste infornado paiz.

E ainda ha quem o defende, que entõe louvores, quem oferece palavras ao novo « Cesar».

Não admira, porem. São os famintos que sempre apparecem atraídos pelo festim...

Alvaro Mineiro

Moralidade do Dezembrismo

Os governos dezembristas lançaram a publico variadas notas officiosas accusando os democraticos dos maiores crimes, mas até hoje nada provaram apesar da sua boa vontade. Não obstante isso, o dezembrismo ter a seu cargo a negociata das 33.500 açoes da C. C. F. P. que comprou por mais do dobro do seu valor; um official dos serviços administrativos, que esteve exercendo o cargo de tesoureiro do Instituto de Odiveiras abotou-se com 40 contos e raspou-se para o estrangeiro; o administrador do concelho de Santiago de Cacem teve de fugir por ter sido conivente no furto duma carta com valor declarado na importancia de três mil escudos; o administrador de Pombal fugiu tambem depois de se ter abotoado com dinheiro das pensões das familias dos mobilizados que se encontram no «front»; o administrador da Figueira da Foz, Mimoso Ruiz, alem de estar pronunciado pelo crime de abuso de autoridade, foram contra ele instaurados dois processos por furto; o de Miranda do Corvo, que é sobrinho do dr. Rosa Falcão, tendo vindo assistir á festa da Senhora da Guia, do Avejar, espancou ali com um «boca», o sr. Domingos Simões, do Azeitão, fugindo em seguida; o da Nazaret tem praticado actos indecorosos etc. etc., sendo bom não esquecer aquella grande negociata das anilhas, a exportação do azeite e de feijão e milhares de moralidades que é impossivel descrever.

E viva a... nova.

João Artur de Sousa Manso

A hora a que escrevemos estas linhas, encontra-se gravemente enfermo, sofrendo os horrores de uma pneumonia, o nosso querido amigo e prestimoso correligionario, sr. João Artur de Sousa Manso, importante proprietario em Arega. Segundo nos informam o estado do nosso querido amigo é tão melindroso que se receia um desenlace fatal.

Os seus e nossos adversarios, devem estar satisfeitos por verem em perigo de vida este nosso amigo e por terem metido numa prisão do governo civil de Lisboa, seu irmão e nosso estimado amigo, Antonio Manso, onde se encontra ha perto de 15 dias sem culpa formada e sem ter sido sequer interrogado!

Compuje-se-nos o coração ter de nos referir a dois amigos tão intimos, já mais nas condições em que se encon-

tram—um debaixo de ferros da idra e o outro ás portas da morte.

Desejando a João Mano as melhoras, que os seus amigos e sua estremosa familia lhe ambicionam, continuamos a protestar contra a infamia que contra seu irmão se planejou, levando-o ao carcere imundo.

Noticias pessoais

Dr. Mario Cid das Neves e Castro

Com sua ex.^{ma} esposa e filhinho, encontra-se na Figueira da Foz, o nosso presado amigo, sr. dr. Mario Cid das Neves e Castro, habil advogado nesta vila.

Humberto Paiva

Foi transferido de artilharia 3 de Santarem, e colocado na bateria de Pombal, o nosso presado amigo, e devotado republicano, sr. Humberto Paiva de Carvalho, aspirante d'aquella arma. Felicitemo-lo por termos assim ensejo de nos aproximar do seu amavel convivio.

Raimundo Coimbra

Com sua esposa esteve nesta vila, de passagem para Coimbra, o nosso amigo, sr. Raimundo Jorge Coimbra, de Castanheira de Pera.

Luiz Ferreira

Acompanhado de sua esposa e Irma D. Izaura e de seu irmão Antonio, regressou ante-ontem de Coimbra, o nosso amigo, sr. Luiz Ferreira, desta vila.

De passagem para a Ribeira Velha onde se encontra de visita á sua familia, esteve nesta vila, o nosso assinante, sr. Manoel Alves, residente em Lisboa.

Tambem ali se encontra para o mesmo fim, o nosso amigo, sr. David Simões Neves, comerciante em Zibreira.

Em Arega, encontra-se ha dias o nosso amigo, sr. José Soares, empregado no Porto de exploração em Lisboa.

Cumprimentamos nesta vila, o nosso amigo, sr. José Simões, da Ponte Fundeira; Possidonio Marques, de Almojola; José João Nunes, Adrião da Silva Graça, Joaquim Coelho Nunes da Silva, da Graça; Antonio da Silva, do Salgueiro; Jesuino Simões Ladeira, dos Corticinhos e José Simões Varandas que vinha acompanhado de sua esposa, da Lomba da Gusa.

Corrida de Burros

Promovida por um grupo de empregados do commercio, desta vila, teve lugar no ultimo domingo uma corrida de burros.

A hora annunciada, 5 horas da tarde, já se via muito povo nas imediações da Praça do Municipio, esperando a burricada.

Com effeito, pouco depois, surgiam dos lados do Barreiro, os concorrentes com as suas montadas, causando enormes gargalhadas pelas peripetias com que de vez emquando iam divertindo os espectadores. Terminada a corrida, foram distribuidos alguns premios aos vencedores, fazendo-se em seguida a «debonhada do povo». Foi na verdade uma tarde bem passada e oxalá os seus promotores continuem a deliciarem-nos com novas corridas, mas lembramos lhes que apresentem mais burros, o que lhes não sera difficil, visto que esta terra é fértil neste genero de animaes...

Mosteiro, 21-8-918.

O QUE QUEREMOS

Muito intencionalmente escrevemos este artigo com a serena tranquillidade tão precisa e essencial nesta hora em que lufadas negras atravessam o espaço!

Não será pois para admirar a linguagem em que escrevemos quando raios flamejantes de anathema e odio, de condenação acerba, caem sobre um partido a que, com brio, pertencemos, vindo despenhar-se do um grande e glorioso povo no abismo aberto pelo governo que á força quiz governar, quiz o poder, para sacrificar generosas e abnegadas almas, entregando o Paiz, aos monarchicos hoje quasi señores d'ele.

Nesta hora em que nossos irmãos se batem gloriosamente contra o despotismo, contra a tirania de um imperialismo absorvante, derramando o seu sangue, sacrificando a sua vida, de alma lavado e com o coração nas mãos, com a nitida compreensão dos nossos deveres e responsabilidades, queremos somente que haja Paz, Ordem, Justiça, Liberdade e Lei.

Queremos que a politica de má morte, eterna politica de carilho e de personalismo que tem sido a desfortuna deste paiz acolhe de vez para sempre que ás sombras da traição, do egoismo perverso e de desvairamento sem limites desapareçam, para não se dissolver o organismo portuguez como estado e como nação.

Queremos que os governos reajam contra a «reacção clerical» que se avoluma e prepara o golpe para quando menos se julgar a possibilidade de uma «Revolução». Queremos que os verdadeiros republicanos se unam e apreguem para o regime não ser ferido profundamente, organizando uma sociedade nova, acabando com factos verdadeiramente lamentaveis que necessitam um eficaz saneamento.

E só os verdadeiros republicanos podem ser os saneadores, porque só eles tem a autoridade moral para tal realizar.

Só os que tiveram a coragem de fazer o 5 de Dezembro não sazeam—Complicam, intrigam, descreditam, mentem, ludibriam.

Essa horda que governa, ou antes, que desgoverna, porque no governo não ha governo, arrojan do-se de falar em nome da Republica, limitou-se a assaltar o poder, a ofender sistematicamente a Constituição, a abrir as portas aos monarchicos, que andam satisfeitissimos como no tempo do ditador Pimenta de Castro.

Queremos que a democracia triunfe e vingue essas tres correntes que se juntaram—Sidonistas, monarchicos, clericais—cooperando na mesma obra de perversa dissolução da fé democratica. E a democracia só vinga e triunfa quando os seus apostolos a servirem com devoção e sacrificio.

Já se encontra entre nós, o nosso amigo e intransigente republicano, sr. Joaquim Leitão sentindo sensiveis melhoras da grave queda que sofreu, conforme no penultimo numero noticiamos.

Os illustres drs. João Camoegas e Nobrega Quintal, directores da Liga Nacional da Mocidade Republicana, escreveram ao nosso amigo, sr. Joaquim Leitão, pedindo para que se interessa no sentido de arranjar recursos para um fundo de publicações de fé republicana da Liga Nacional da Mocidade Republicana.

O que se passou no dia 18 do corrente, na igreja da freguezia,

é deveras lamentavel, mas garantido pela minha fé republicana que o «masmarro», num futuro proximo que tudo leva a crer não virá longe, hade receber o necessario correctivo, aliaz justo.

C.

ALERTA!

Em 26 de maio ultimo, estando representados 207 concelhos do paiz e com a assistencia de muitos professores que sem serem delegados de qualquer nucleo se interessam empre pelo levantamento da classe, aprovou-se a União e os seus Estatutos.

O professorado primario, o obreiro do progresso, o caboqueiro da civilização, o sustentáculo da familia, o impulsor da colectividade, da nação, da humanidade, o mantenedor da ordem e da paz politica, religiosa e social, tem sobre si uma grande responsabilidade no momento actual.

O momento é grave, as responsabilidades enormes! Se ele não se unir será esmagado pelos inimigos da instrução, os inimigos do povo; e o seu aniquilamento é o retrocesso; é a perda da autonomia, da liberdade, da independencia desse mesmo povo que ele precisa educar em principios mais justos, equitativos. O não se unir, o não se manifestar pelos principios altamente são é um crime não só de lesa-classe, mas de lesa-patria, de lesa-humanidade.

Os vindouros bem di-lo-hão se trabalhar por uns e por outros; mal di-lo-hão se se deixar aniquilar pelos obscurantistas.

Professorado primario Portuguez! mãos á obra: fundai os vossos nucleos, se ainda os não tendes; discuti neles os nossos interesses, os interesses do povo, que são os interesses da humanidade; defendei as vossas justissimas regalías de acção á fiscalização do ensino ainda ha pouco apunhaladas pelo actual secretario da instrução, em prejuizo não só vosso mas da propria instrução nacional, que apesar de tudo tem sido nos ultimos tempos o maior amigo da classe, zelai os sagrados interesses da instrução, os interesses do povo (vosso companheiro leal no infortunio), da nacionalidade. Não deixeis que os novos diplomados ou duplamente diplomados e ainda os doutorados venham ter vencimentos superiores, regalías diferentes das vossas! A humanidade deve caminhar para a unidade de proventos; o professor e o Estado devem ser os seus impulsores! Alerta professores primarios! Experimental, reunindo-vos frequentemente nas sedes dos vossos concelhos; fornecei elementos á Comissão Central; enchei-vos de coragem e encorajai aqueles que se dispõem a trabalhar por toaos.

Lomba da Casa, 13-9-918.

M. Domingos Godinho

DELIVRANCE

A esposa do nosso amigo e assinante, sr. José Dias, cabo artilheiro da armada, deu á luz no preterito dia 6, uma creança do sexo masculino.

A recém-nascida é de muita robustez, pois perdeu após o nascimento 3.700 gramas.

A parturiente e seu filhinho encontram-se bem, pelo que os felicitamos, desejando-lhes as maiores felicidades.